



Sempre que vou ao teatro e me deparo com um palco ocupado por um único ator, fico pensando em algo, além do que a própria peça me faz pensar. Gosto de ver o palco cheio, cheio de informação, cheio de gente, cheio de histórias que se cruzam, se esvaziam quando são contadas e me enchem quando as admiro.

Às vezes, assistindo a um monólogo no teatro, tenho a impressão de que eu poderia ler aquele texto em casa. Aliás, este é o grande desafio do ator, do diretor e sua montagem num monólogo: tornarem-se necessários.

É verdade que na ópera existem os solos. Nos musicais, é comum, e até necessário, conhecer um personagem por vez, e ele canta, muitas vezes, sozinho ou sozinha no palco. Isso é bom.

Sempre que estou analisando uma peça que é um monólogo, algumas divagações passam pelo palco da minha mente: por que o ator ou a atriz está trabalhando sozinho ou sozinha? Será que aquele ator ou aquela atriz é muito difícil no tratamento com outras pessoas? Será que o custo de produção da peça não pode ser maior e justamente por isso é que só se encontra um ator ou uma atriz contando a história no palco?

Transportar este raciocínio para o ambiente da sala de aula e para a função nobre do nobre professor pode ser atordoante. Afinal, não há espaço na sala de aula para um monólogo, qualquer que seja o motivo. O conceito de "aluno ouvinte" está próximo, muito próximo do conceito de monólogo.

Fui assistir à *Escola de Mulheres*, de Molière. Saí de lá cansado. *Escola de Mulheres* não é monólogo nem monótono. Aliás, tinha muita gente na montagem. Foi a própria história que mexeu comigo, a ponto de fazer me sentir cansado. Na manhã seguinte, acordei com uma dor de cabeça insuportável. O pensamento de Molière, ou aquilo que Molière me fez pensar, estava no fluxo do meu sangue e do meu pensamento. Minha dor de cabeça é o que os psicólogos chamam de catarse. Eu preferi chamar de enxaqueca mesmo.

Isso é uma aula para sempre: aquela que o professor, com a ajuda dos demais atores, conta com eficiência emocional,



MONÓLOGOS

eficácia comunicacional e com a efetividade de uma dor de cabeça psicológica que passa, mas que sinaliza que as histórias que assistimos na sala de aula permanecem. Não um monólogo regurgitado pelo ator que ocupa, sozinho, o centro, o lado e o fundo do palco.

Aliás, a dosagem adequada pode efetivamente estar entre o monólogo e a invasão da plateia: o peso ideal dos participantes está numa história que se conta numa sala de aula em que mestres são alunos, atores são professores, às vezes, professores são diretores e a magia da narrativa acontece.

Erra aquele mestre e aquele ator que só consegue dar licença ao monólogo. Acredito que atores e professores devem topar a experiência de viver um monólogo na sala de aula do palco e no palco da sala de aula. Mas apenas para entenderem e compreenderem que não é assim que se fazem as coisas.

Pode ser que um dia estas minhas palavras se voltem contra mim. Pode ser que no palco esteja eu sozinho a falar comigo mesmo num monólogo que pode parecer interessantíssimo, mas que é defeituoso. Só o tempo dirá. Mas, com cer-

teza, encontraremos, cada um de nós, um exemplo guardado na memória de um professor que só encarava o monólogo, e uma pergunta faremos a nós mesmos: "O que é mesmo que ele dizia?". E depois de pensar um pouco, lembraremos em definitivo: "O que ele dizia, eu não lembro. Só sei que ele falava sozinho."

O professor entrou, falou e saiu. Verdadeiramente, alunos não são plateia. Da concordância e da discordância entre os atores no palco é que nascem as narrativas. No monólogo, não há contraponto, nem o público fala, nem outra voz fala. Se a voz do aluno cala, a narrativa se empobrece, esvazia-se. Um aluno que contribua com um espirro no meio da aula já cria uma outra história. Eles estão lá conosco. Não estamos sós. Eles são parte das histórias que contamos, concordando com elas ou não. Histórias que contam como fazer e como não fazer. Assim penso.

César Augusto Dionísio é economista e professor. E-mail: contatos@cesardionisio.com
Audiotexto do artigo na íntegra disponível no site www.cesardionisio.com com possibilidade para download.